

**ECOSOFIA: OLHAR OS PÁSSAROS E APRENDER
COM OS LÍRIOS EM BUSCA DE NOSSO LUGAR NA
COMUNIDADE DA VIDA.
UMA LEITURA ORANTE DE MT 6,24-34**

*Moema Miranda**

Resumo

O século XXI traz a marca das grandes catástrofes, tanto ambientais quanto sociais, herança do “desenvolvimento” e do “progresso”, resultado da “grande aceleração” no uso de bens da natureza nestes tempos de capitalismo globalizado. Avaliar de que forma leituras da mensagem bíblica e cristã se vinculam às bases da ciência e da economia que abalam as condições de Vida no planeta é indispensável. No entanto, é ainda mais importante, a partir deste primeiro passo, gerar elementos de conversão que nos indiquem formas alternativas de habitar o planeta. A Encíclica Laudato Si’ inspira um movimento importante no reposicionamento da Igreja Católica, e fortalece propostas que diversos teólogos e teólogas vêm desenvolvendo na Ecoteologia. Neste artigo propomos uma leitura ecosófica de Mt 6,24-34. Reinterpretar, reler, converter em busca de nosso lugar na comunidade da Vida. Este é o convite do artigo.

Palavras-chave: *Ecologia. Ecoteologia. Conversão ecológica. Mt 6,24-34.*

Abstract

The 21st century brings the mark of the great catastrophes, both environmental and social, heritage of “development” and “progress”, the result of the “great acceleration” in the use of goods of nature in these times of globalized capitalism. Assessing how readings of the biblical and Christian message link to the foundations of science and economics that shake

* Moema Miranda é antropóloga, com Mestrado em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRJ, professora do Instituto Teológico Franciscano, diretora do Ibase, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e integra a Coordenação Executiva do Sinfrajupe. moema@ibase.br

the conditions of life on the planet is indispensable. However, it is even more important, from this first step, to generate elements of conversion that indicate us alternative ways of inhabiting the Planet. The Encyclical Laudato Si' inspires an important movement in the repositioning of the Catholic Church, and strengthens proposals that several theologians have been developing in Ecotheology. In this article we propose an ecosophical reading of Matthew 6:24-34. Reinterpreting, rereading, converting in search of our place in the community of Life. This is the article invitation.

Keywords: Ecology. Ecotheology. Ecological conversion. Mt 6:24-34.

1. Ponto de partida

Os últimos têm sido anos difíceis. O século XXI vem processando de forma catastrófica a herança da Modernidade, do “progresso” e do “desenvolvimento”. Marcado pela “grande aceleração”¹, o século XX foi responsável pela intensificação abusiva da exploração dos bens do planeta, resultando em aumento da acidificação dos oceanos e do buraco de ozônio; perda quase irreversível de biodiversidade e de terras férteis; aquecimento global; destruição de mananciais de água doce, entre tantos dramáticos indicadores que demonstram o quanto a forma de vida humana hegemônica na Terra é insustentável. A deterioração das condições ambientais gera, entre os mais pobres, novos migrantes climáticos, que se somam aos milhares de refugiados das guerras, da fome e da miséria. São resultados combinados do que o Papa Francisco chamou de “terrorismo de base que deriva do controle global do dinheiro sobre a Terra” (PAPA FRANCISCO, 2016). A crise nos sistemas globais de governança, seja sobre as mudanças climáticas ou sobre as finanças mundiais, é parte do mesmo processo de destruição e morte. Não por outra razão, o papa afirma na *Laudato Si'*: “Não há duas crises separadas: uma social e outra ambiental, mas uma única e complexa crise socioambiental” (LS, 139)².

Diante de situações tão severas que hoje afligem a Terra, seus filhos e filhas, a realidade do mal volta a ser enfaticamente tematizada. Precisamos falar sobre o mal. Precisamos nomeá-lo, identificá-lo, caso queiramos resistir, construir alternativas, cultivar a esperança no Deus da Vida, que nos prometeu: “eis que estarei convosco todos os dias até o final dos tempos” (Mt 28,20). Compreender nossas responsabilidades e buscar caminhos de conversão profunda, “conversão ecológica” (LS, 217) é, assim, um desafio vital! Como espécie precisamos, urgen-

1. “A grande aceleração”, tal como definida pelo Centro de Estudos de Resiliência de Estocolmo se refere à intensificação do uso de recursos naturais, especialmente a partir dos anos 50, extrapolando os limites seguros para a vida no planeta (STEFFEN *et al.* 2015).

2. Todas as citações da Encíclica *Laudato Si'* (LS) foram retiradas da fonte eletrônica: Papa Francisco (2015).

temente, re-encontrar nosso lugar na comunidade da Vida. Voltar a habitar com harmonia, ternura e cuidado o planeta vivente, que nos dá condições propícias à vida, a nossa casa comum, compartilhada, a Terra.

Em meados dos anos de 1960, quando da emergência de um forte movimento ambientalista nos países do Norte, o reverendo americano Lynn White (2010) escreveu um artigo que marcou época: “As raízes históricas de nossa crise ambiental”. No artigo, White afirmava que: “O cristianismo, especialmente na sua forma ocidental, é a religião mais antropocêntrica que o mundo alguma vez teve ocasião de testemunhar”. Segundo ele, “uma concretização ocidental e voluntarista do dogma cristão da transcendência do homem face à natureza, e do seu domínio sobre esta”, abriram as portas para a ciência e a técnica que contribuíram para a consolidação do sistema que explora de forma ilimitada os bens do planeta. Assim:

Não obstante Darwin, nós não somos, no fundo, parte do processo natural; somos superiores à natureza, temos para com ela um sentimento de desprezo, queremos usá-la para satisfazer os nossos caprichos, quaisquer que sejam. [...] Para um cristão, uma árvore não pode ser mais do que um fato físico. Todo o conceito do bosque sagrado não tem lugar no cristianismo nem no sistema de valores ocidental. Ao longo de quase dois milênios, os missionários cristãos têm vindo a deitar abaixo bosques sagrados, porque estes, ao assumirem espírito na natureza, são idólatras (WHITE, 2010).

Tomo como um dos pontos de partida para a reflexão proposta neste artigo, diante da realidade da crise socioambiental, a interpretação de White. Considero que a leitura hegemônica dos textos bíblicos entre cristãos (especialmente Gn 1,28) – a hermenêutica que orientou os processos de conquista, colonização, escravização, bem como a “grande aceleração” – é de grande relevância para a compreensão das crises socioambientais que se agravaram nos últimos anos.

Exatamente por isto, a publicação da Encíclica *Laudato Si'* deve ser saudada como um “giro copernicano”, ou um giro ao revés, de volta a uma aproximação cristã sistêmica da teia da vida. “Tudo está interligado”, é repetido na Carta Encíclica. Tal como White, considero que devemos buscar as sendas ou os rastros, por vezes esmaecidos e pálidos, que nos permitem uma leitura contra-hegemônica da mensagem cristã. Uma leitura solidária à vida em todas as suas formas; vida entendida em sentido cósmico, que abarca todo o criado. Mensagem profundamente comprometida com a defesa da Mãe Terra, ser vivo, vivente e geradora das condições de vida de seus filhos e filhas, humanos e não humanos, incluindo os ancestrais e as gerações vindouras, integrantes de todas as esferas do cosmos e não apenas da limitada e essencial biosfera.

Uma re-leitura assim exige humildade e disposição para aprender com outros: outras culturas, outras leituras, outras hermenêuticas. Muito se tem avan-

çado em termos de diálogo inter-religioso e intercultural. Mas há também este esforço de releitura de nossa própria tradição, que nos abre caminhos ainda mais profundos de diálogo. A leitura orante de Mt 6, em parte citado na *Laudato Si'*, pode indicar elementos animadores, reparadores e restauradores de nossa esperança. Elementos que contribuem para que nos recoloquemos em comunhão com a Vida. E, a partir de nossa tradição, possamos também nós contribuir com a busca de alternativas e perspectivas novas frente aos desafiantes problemas e questões de nosso tempo.

2. O que dizem de nós?

O pensamento ocidental hegemônico, nos últimos séculos, foi fortemente conformado pelo que alguns estudiosos têm chamado de “morte da natureza”: a visão mecanicista, que identifica o mundo como um grande mecanismo, semelhante a um relógio, regido por leis rigorosas e inflexíveis, compreensivas e controláveis pela linguagem matemática. Segundo Carolyn Merchant (1983), uma certa interpretação do mandato de Deus na saída do Éden “autorizou” e estimulou esta perspectiva fortemente dualista, base da ciência moderna³. No centro desta perspectiva, a compreensão antropocêntrica da Criação. Como afirma White (2010):

O que disse o cristianismo às pessoas sobre as relações destas com o meio ambiente? [...] Em fases graduais, um Deus afetuoso e todo-poderoso criou a luz e a escuridão, os corpos celestes, a terra e todas as suas plantas, animais, pássaros e peixes. Por fim, Deus criou Adão e, como resultado de uma reflexão posterior, Eva, para evitar que o homem se sentisse sozinho. O homem deu nome a todos os animais, estabelecendo assim o seu domínio sobre eles. Deus planeou tudo isto expressamente para benefício do homem e para que este dominasse: nenhum item da criação física tinha outro propósito senão servir os propósitos do homem. E, embora o corpo do homem seja feito de barro, ele não é simplesmente parte da natureza: ele é feito à imagem de Deus.

A perspectiva antropocêntrica justifica o mandato de “submeter e dominar”, na tradução mais comum de Gn 1,28. Avançados no século XXI, diante de cenas

3. “Do século XIII em diante, até chegarmos a Leibnitz e Newton, inclusive, todos os grandes cientistas explicaram as suas motivações em termos religiosos. De fato, Galileu, se não tivesse sido um perito tão grande para um mero teólogo amador, teria com certeza arranjado muito menos complicações para si: os profissionais levaram a mal a sua intrusão. E, ao que tudo indica, Newton considerava-se mais um teólogo do que um cientista. Só em finais do séc. XVIII é que a hipótese de Deus se tornou desnecessária para muitos cientistas” (WHITE, 2010).

de morte e destruição das condições que na Terra propiciam a vida, temos que concordar que:

A pior ameaça para o futuro da humanidade é o antropocentrismo, essa crença originária da metafísica que instala o homem em uma posição arrogante no centro da história da vida e do cosmos (PICQ, 2016, p. 19).

Aqui, a *Laudato Si'* busca situar-se em conversão. Reconhecendo as críticas feitas ao cristianismo e interpretações dualistas que tiveram grande peso, pretende explicitamente abrir um caminho de diálogo com outras tradições em busca de novas perspectivas. Mas, fundamental nesta dinâmica, se dispõe a buscar interpretações mais generosas e distintas de sua própria tradição.

Aqui, gostaria de me somar a este salutar movimento. Rezar Mt 6,24-34 em chave ecosófica.

Antes, ainda, uma palavra sobre o conceito central de ecosofia.

No começo dos anos de 1990, quando as evidências das crises atuais já eram gritantes, o grande teólogo catalão Raimon Panikkar orientou um encontro que, mais tarde, foi transformado em um livro indispensável para a ecoteologia nascente: *Ecosofia: por una espiritualidad de la Tierra* (1993). Panikkar assume uma crítica qualificada às visões dualistas que predominaram no Ocidente: teocêntrica e antropocêntrica. Como bem sabemos, a releitura cristã da perspectiva platônica, consolidada por Santo Agostinho, orientou por séculos, quase incontestemente, o Ocidente. A profunda desconfiança em relação ao mundo, aos seus estados caóticos e sensuais, aos desejos e atrações que atentavam contra a perspectiva do “homem espiritual”, deixou marcas profundas. O mundo natural, expressão rebaixada do espiritual, das formas puras, das ideias, era uma realidade a ser tratada com distância e temor. As mulheres, por sua maior sensualidade, emotividade e proximidade com a natureza, estavam entre as criaturas a serem domesticadas e controladas. Não vamos aqui aprofundar a reflexão sobre as consequências desta leitura, sumarizada de maneira rústica, apenas para demarcar o campo argumentativo. O Renascimento e, depois dele, a Modernidade, marcam a ruptura, a mudança paradigmática para uma ordem hegemonicamente antropocêntrica: a “morte de Deus”, o desencanto e a dessacralização do universo, ajudados pela sobredeterminação da ciência moderna como discurso da Verdade. As consequências ambientais e sociais daí decorrentes são o ponto de partida de nossa reflexão neste artigo. Em cada um destes dualismos, o desafio era a subordinação absoluta do real a um ou a outro dos polos: Deus, de um lado e o homem, de outro.

Panikkar, mestre em diálogo intercultural, propõe um olhar novo para este mundo tão sofrido, afetado ecológica e socialmente. Afirma que a realidade, e não apenas nosso Deus, é trinitária. Ou seja: a realidade é composta por três dimensões “distintas, mas inseparáveis”: Deus, a humanidade e o cosmos. Um não existe sem os outros. “Não se pode falar do homem absoluto. O homem é

uma abstração: um homem sem mundo não seria homem. [...] Mas o mesmo se poderia dizer de Deus: um Deus que não tivesse nada que fazer não seria Deus. Um criador sem criação não seria criador” (PANIKKAR, 1993, p. 29). Portanto, as três dimensões, respeitadas as suas especificidades, estão constitutivamente relacionadas. A trindade – que não é uma exclusividade cristã, mas tem presença em inúmeras religiões – expressa esta interligação intrínseca, indispensável, de tudo com tudo.

Daí uma compreensão da realidade que supera tanto o antropocentrismo quanto o teocentrismo, uma compreensão “cosmoteândrica” do real: cosmo, Deus, humano! Um vínculo interno, visceral, dependente e libertário. Sim, libertador. Não uma relação de subordinação onde um dos polos deve ser dominado ou mesmo anulado pelo outro. Não a morte de deus em nome da liberdade humana. Mas, ao contrário, a percepção amorosa de uma presença forte e suave do amor de Deus que tudo permeia, que a tudo sacraliza, que a tudo liberta para a liberdade. Não mais o medo de um panteísmo mágico, que leva à negação da organicidade de todo o planeta, de todo o cosmos. Ao contrário, o pulsar na conexão profunda, no sentido comum da vida. Na mútua dependência. A compreensão tão linda do que a ciência hoje atesta: nós somos feitos de estrelas. Como em sua ladainha, M. Fox nos convida ao maravilhamento com a realidade cósmica e o louvor ao seu Criador:

Mais de 60% dos átomos do nosso corpo estiveram dentro da flamejante bola de fogo cósmico. Cada átomo de hidrogênio do nosso corpo veio do *big-bang*. Esta interconexão cósmica é partilhada por todas as formas de vida deste planeta: cavalos, peixes, insetos, rochas, água etc. (FOX, 2004, p. 69).

Podemos rezar nossa oração comum em chave cosmoteândrica: “Seja feita a vossa vontade assim na Terra como no Céu”!

As crises e a consciência ecológica despertaram a muitos do sonho prometeico de um mundo ilimitado, subordinado ao nosso trabalho, nossas necessidades e à disposição para um uso abusivo. A ecologia profunda marcou um passo importante no desenho de uma perspectiva nova, disputando não apenas a consciência, mas práticas e culturas alternativas, que implicariam o questionamento do paradigma que orientou a economia nos últimos séculos e é responsável pela “grande aceleração” deste Antropoceno. Mas, afirma Panikkar, tendo sido des-
 pertos pela *ecologia*, somos chamados a ir além. A *ecosofia* alcança a dimensão de uma nova *sabedoria* e não apenas de uma *lógica*, ou um discurso sobre a casa comum. Estamos desafiados não apenas a uma compreensão da natureza com nova chave de leitura, mas sim a entrar em sintonia com a sabedoria inerente, própria, presente em todo o Criado! Uma espiritualidade da Terra.

Ora, diremos, muitos dos povos tradicionais, indígenas, camponeses de todos os continentes assim têm vivido desde sempre. Nunca deixaram este seio

materno ao qual e do qual são inerentes. Sempre souberam que são filhos e filhas da Terra, que são um fio na teia da vida. Que lhe devem a vida e a isto honram com sua luta renhida em defesa de seus territórios e modos de vida. Por isto são criminalizados, difamados, perseguidos. Mas e nós? E nós, que nos apartamos do Criado? E nós, que vivemos o sonho louco de sermos senhores da natureza, chamados a “subordinar e dominar”? O que nos resta? A nós cabe a conversão. A “conversão ecológica”, esta verdadeira “revolução cultural”, a que nos chama o Papa Francisco. Que Mateus nos ilumine!

3. Escolhe o teu Senhor!

A mensagem que vamos seguir, orar, refletir e nos inspirar começa com uma disjuntiva determinante. Uma escolha que não aceita da parte de Jesus um termo médio, uma acomodação confortável. Após indicações contra qualquer forma de acumulação de tesouros materiais, terrenos, nos transmite Mateus esta convicção de Jesus: “ninguém pode servir a dois senhores [...]. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro!” (Mt 6,24). É surpreendente a radicalidade e a simplicidade da afirmativa. Não se trata de metáfora ou parábola. O ponto de partida é uma opção. Antes, ao orientar a não acumulação não se nota em Jesus nenhum tipo de negação do mundo. Não é uma expressão do dualismo platônico/cristão, que se desenvolverá posteriormente, que desqualifica o mundo ou a matéria. Não é porque a matéria, aos olhos de Jesus não tenha valor, que não se deve acumular. A escolha da não acumulação de bens tem a ver com a opção radical pela fé e pela confiança no Deus da Vida, como será explicado na sequência.

A opção por servir a Deus implica a ruptura na subordinação ao símbolo por excelência da prepotência de segurança autodeterminada da humanidade, desconectada do fluxo de provisão da natureza: o dinheiro. A ideia e a prática da não acumulação como princípio nos aproxima das culturas indígenas, das culturas tradicionais. daquelas que desenvolvem sua ação humana, transformadora, criativa, cuidadora, em sintonia com os ritmos impressos por Deus em sua Criação: o ritmo da fruição, dos ciclos confiantes de renovação serena. Ciclos que, por suposto, incluem também renovação e morte. Mas, ainda assim, ciclos de vida.

Já nos tempos de Jesus o dinheiro era o elemento síntese, paradigmático, da subordinação da variedade da vida a um valor homogeneizador. O estabelecimento da equivalência-dinheiro faz tanto com que o valor dos frutos do trabalho do homem e da mulher quanto os bens da criação sejam expressos em medida monetária. Medida por excelência antropomórfica, radicalizada nos tempos da sociedade de mercado: o valor dinheiro é atribuído a um metal considerado preciso ou a uma paisagem que agrada aos humanos. Mais e menos: apenas estas medidas quantitativas, sem qualidades, para toda diversidade de entes. Mas, ainda pior, a subordinação à lógica do dinheiro justifica que um metal precioso ou um combustível fóssil, por exemplo, seja extraído mesmo com custos incalculáveis

para toda a vida no entorno. As mineradoras e as petroleiras têm direito a extrair, a poluir, a destruir em função do fato de que o ouro ou o petróleo valem mais dinheiro do que a vida de camponeses ou populações tradicionais, suas lavouras, seus bosques sagrados, as terras e cemitérios de seus ancestrais, localizados na superfície. Também valem muito mais dinheiro do que as águas, a fauna e a flora. Assim, a escolha dos humanos por servir ao dinheiro os antagoniza com Deus, com seus filhos e filhas. Com Deus que expressa seu amor e bem-querer na obra da Criação.

Nos tempos que vivemos, com o capitalismo desenfreado dominando e sobredeterminando todas as relações humanas e destes com a natureza, esta disjuntiva é ainda mais dramática. A subordinação à lógica do capital não apenas está na base da “grande aceleração” que a tudo devasta, mas se expressa também em nossos sonhos e desejos de consumo ilimitado, mesmo vivendo em um planeta limitado. Este sonho consumista, amplamente difundido e estimulado pelo mercado, é o que mantém a “máquina do capital” em funcionamento, em detrimento dos fluxos e ritmos da vida. Como afirma o papa:

Dado que o mercado tende a criar um *mecanismo consumista compulsivo* para vender os seus produtos, as pessoas acabam por ser arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos. O *consumismo obsessivo* é o *reflexo subjetivo* do paradigma tecnoeconômico. [...] O referido paradigma *faz crer a todos que são livres, pois conservam uma suposta liberdade de consumir*, quando na realidade apenas possui a liberdade a minoria que detém o poder econômico e financeiro. Nesta confusão, a humanidade pós-moderna não encontrou uma nova compreensão de si mesma que a possa orientar, e esta falta de identidade é vivida com angústia. Temos demasiados meios para escassos e raquíticos fins (LS, 203, grifos meus).

A subordinação ao dinheiro, a escolha de servir a este senhor e não ao Deus da Vida, representa assim a ruptura com o projeto libertador de Deus para toda a Criação. A palavra “compulsão”, utilizada pelo papa, é extremamente forte. O dicionário explica compulsão como “força (que compele); ato de tribunal superior para obrigar o inferior a cumprir seu despacho” (Dicionário Aurélio). Ou seja, há um elemento de não escolha decorrente da opção pela fiança no dinheiro em detrimento de Deus. Dois elementos são relevantes para nossa reflexão neste contexto: o primeiro é a ilusão de que o acúmulo de bens pode garantir segurança. Dirá Jesus: “Quem de vós pode, com sua preocupação, acrescentar um só dia à duração de sua vida?” (Mt 6,27). Outro elemento essencial da falta de liberdade inevitável da lógica do capital é sua insaciabilidade. Não há limites para a acumulação de dinheiro nem para o desejo desmesurado de mais dinheiro. A ganância é a expressão deste ilimitado. Mas, ainda mais triste, como a acumulação de dinheiro traz uma promessa de felicidade sempre adiada – já que sempre se pode ter mais dinheiro, nunca estamos satisfeitos –, o mercado precisa de cada vez mais consumidores dóceis, ávidos e insaciáveis.

O grande drama que vivemos hoje é que, ao aplicar uma lógica de uso ilimitado de bens em um planeta limitado como o nosso, a ação humana será, inevitavelmente, destrutiva das próprias condições da vida. “A Terra não aguenta mais!” (PICQ, 2016, p. 89). Ou, como afirma o papa no início da *Laudato Si'* (LS, 2):

Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8,22).

Em Mt 6, a orientação da escolha, ou seja, a clareza de Jesus de que a opção pela lógica do dinheiro nega a possibilidade de servir livremente a Deus, vem acompanhada da motivação profunda: a escolha por Deus é, também, a escolha por habitar a Criação em harmonia com a vida. Ou seja, nos chama a uma nova relação, uma nova aproximação. Um aprender com a própria natureza, onde “Deus fez a morada”, como cantamos popularmente. Daí, falamos de um chamado ecosófico! Uma reconexão com a sabedoria profunda que Deus inscreveu e revelou aos pequeninos. Aos nossos irmãos pássaros e lírios, a quem nos ligamos pelo fraternismo universal: fonte indispensável do habitar em harmonia a Casa Comum.

4. O que ensinam pássaros e lírios sobre a comunidade da vida?

Após indicar a disjuntiva Deus/dinheiro, segundo Mateus, Jesus afirmou: “Não vivais preocupados com o que comer ou beber, quanto à vossa vida” (Mt 6,25). Não vivais preocupados, repete Jesus ainda cinco vezes até o versículo 34. Pre-ocupação, ocupação prévia, que pode ter aparência providente é, antes de mais nada, uma atitude temerosa e desconfiada. Atitude tipicamente tecnicista, de quem deseja estabelecer controle sobre a natureza e não apenas integrar a comunidade da vida. A atitude ocidental, confiante na tecnociência, que supõe controlar as leis da natureza e pretende desenvolver tecnologias de poder ilimitado, é constitutiva deste “pensamento que calcula”, que coisifica todo o Criado e se distancia da atitude de maravilhamento, de encantamento e de louvor com a Criação, tão constitutiva dos povos tradicionais e expressa em muitos livros bíblicos.

Como afirmou recentemente um paleontologista francês:

Esse antropocentrismo gera a *loucura demiúrgica e tecnicista* que incita a acreditar que as técnicas, produzidas pela genialidade dos homens, *garantirão o futuro de todos nós*, alimentando as ingênuas utopias do tipo New Age e outro transumanismo. Totalmente inexato. Ao destruir o que resta de diversidade não estamos cometendo um crime contra a humanidade (PICQ, 2016, p. 19)?

A lógica subjacente à ampliação ilimitada do poder da técnica é a “loucura demiúrgica” de um ser criado, que pretende se converter em criador, dominador, subjogador de toda a Criação: o ser humano. Por trás, a pré-ocupação de “garantir o futuro”. Como se fossem os “tesouros acumulados” – que podem ser roubados pelo ladrão, queimados pelo fogo ou corroídos pelas traças – que nos garantissem a segurança vital.

No entanto, o que nos diz Jesus é justamente o inverso: a vida é muito mais do que a garantia das condições materiais necessárias à sua reprodução: “afinal, a vida não é mais que o alimento, e o corpo, mais que a roupa?” (Mt 6,25). A vida é sempre, sempre mais. Ela evidentemente supõe condições materiais para sua reprodução, mas mesmo estas são condições que vão muito além da garantia de bens acumulados. As condições para que a vida tenha se feito no planeta Terra são impressionantemente complexas: dependem de interrelações cósmicas de uma grandeza de tempo e espaço tão imensas que só mesmo uma “loucura demiúrgica” poderia nos afastar da escolha pela integração na comunidade da vida. Sabemos bem e, hoje, a ciência tem feito grandes avanços em reconhecer humildemente suas limitações: nós não nos demos a vida. Não teríamos condições de fazê-lo. O *big-bang* aconteceu, segundo grande parte da comunidade científica, há mais de 13 bilhões de anos. Nosso planeta, dentro do sistema solar, tem em torno de 4,5 bilhões de anos. A vida humana na forma como nós conhecemos atualmente só se consolidou na Terra com o Holoceno, há cerca de 12 mil anos. Uma fração de segundo de tempo cósmico. Nós habitamos o único planeta com vida que conhecemos. Um planeta que nos acolhe e protege. Ele, o planeta vivo. Um cosmonauta russo, voltando de uma viagem, afirmou:

O céu azul ‘sem fronteiras’, que nos dá o fôlego e nos protege da escuridão infinita e da morte, é apenas uma camada infinitesimalmente fina. Como é perigoso ameaçar mesmo a menor parte desta capa tão rala, este conservante da vida (VLADIMIR SHATALOV, apud, FOX, 2004, p. 60).

A inspiração que nos vem do versículo de Mateus não é de imprevidência: “não vos preocupeis com o que comer ou com o que vestir” (Mt 6,25). Mas sim, um ensinamento sobre o como habitar a Terra de forma cuidadosa e tranquila. Jesus nos convida a observar os pássaros e a admirar os lírios: criaturas, como nós. A elas se dá a natureza. A elas a vida se dá e elas fluem e vivem em harmonia. Ora, nos diz Jesus: “não valeriam vocês mais aos olhos de Deus?” Se assim é, porque Ele não nos garantiria as possibilidades de uma vida também em harmonia e bem? Mas assim se faz. Deus cria em boas condições para que, aliando nosso trabalho, nossa liberdade, nossa criatividade, nossa possibilidade de transformação à sua, vivamos em abundância. A proposta não é aqui de um ascetismo minimalista. Jesus não nos chama a admirar a pobreza dos pássaros ou a austeridade dos lírios. Ao contrário, o que deve nos inspirar é a beleza e até mesmo a suntuosidade dos lírios: superando em maravilha qualquer vestimenta de

Salomão. E somos filhos e filhas amadas! Devemos, portanto, esperar e desejar a abundância. Mas, e isto é fundamental na mensagem, abundância não significa acumulação. E aqui habita o mal! A acumulação que nossa “loucura demiúrgica” estimula é destrutiva das fontes da vida.

O comentarista Carter (2002, p. 235) conclui, a respeito de Mt 6,25: “A comunidade deve exibir uma prática alternativa. Deve confiar no governo de Deus e a provisão demonstrada na criação...”

Assim, viver em abundância implica uma opção de não subordinação à lógica do dinheiro. E isto pode parecer contraditório, mas não é. A vida supõe equilíbrios múltiplos. Hoje não apenas a ciência da ecologia comprova o quanto a natureza tem mecanismos internos de cura, equilíbrio e abundância. Os problemas advêm do uso abusivo: concentração absurda de bens; extração desmedida de combustíveis fósseis, produção ilimitada de pesticidas e venenos, entre outros. É o afastamento da comunidade da vida, com a pretensão de que podemos “garantir nosso futuro” por nós mesmos, com overdose de tecnologia, que está levando à destruição das fontes da vida.

Mas há outro elemento extremamente importante neste chamado ecosófico de Jesus. E é a recuperação da compreensão de que a natureza é cheia de inteligência. A perspectiva da natureza como mecanismo levou a tal isolamento dos homens e mulheres urbanos do contato cotidiano e simples com o Criado que eles se sentem apartados do cosmos. Mas, ainda pior, nos iludimos ao pensar que somos os únicos seres dotados de inteligência, de fala, de capacidade de louvor. O princípio da ecosofia nos leva a abrir os canais que fechamos na percepção da expressão amorosa e inteligente que se espalha por todo o criado, todo ele vindo da mesma fonte amorosa de Deus. M. Fox nos diz, recordando a Teoria Gaia, de James Lovelock:

As antigas tradições entre os povos indígenas contam que, em determinada época, animais e humanos falavam a mesma língua e, na verdade, até a paisagem fala. Mas precisamos aprender a língua da paisagem. [...] Vivemos em “um mundo que fala” [...]. Tudo na natureza é uma espécie de revelação, tudo está “fazendo com alegria, o melhor que pode”, como definia Mestre Eckhart, para nos revelar o divino (FOX, 2004, p. 62).

O antropocentrismo gerou esta espécie de perda de percepção, de audição, que ao nos desvincular da natureza por uma prepotência insana, nos levou a ignorar o saber próprio de todo o Criado. A lógica de exploração e subordinação da natureza, de certa forma, necessitava desta falta de conexão, de visão, de audição. Nos processos de colonização e escravização entre humanos os mesmos argumentos de falta de inteligência foram utilizados em relação aos povos dominados. A acusação de que sua linguagem era “bárbara”, inculta e que seu vínculo inerente com a natureza era expressão de superstição, idolatria e ignorância justificaram o domínio.

Um passo importantíssimo na ruptura com esta percepção é dado pelo papa, na *Laudato Si'*, quando reconhece que a “a Terra clama”: que, ela mesma, entre os pobres tem direito a dizer sua palavra. Só um ser inteligente e vivo pode ter expressão. Daí, o chamado repetido durante a Encíclica a reconhecer que os seres criados têm valor intrínseco e não devem ser medidos pelo “valor dinheiro”, como se tivessem ou não valor a partir de uma métrica antropocêntrica.

Hoje, uma parte importante da ciência demonstra como a vida é toda interdependente. Não temos como nos salvar por nós mesmos e não temos como sobreviver sem os outros seres vivos, incluídos aí muitos que considerávamos sem vida: rios, mares, geleiras, montanhas.

A vida evolui em comunhão ou, como dizem os ecologistas e paleontólogos, em coevolução. Cada forma de vida depende da diversidade de outras espécies. Como afirmou um estudioso, em livro que alerta para o imenso perigo da perda de diversidade:

O esplêndido sucesso adaptativo do homem é um fato da evolução. Depois, ele se transformou para nos dar a ilusão de dominar a natureza, de não precisar das outras espécies para sobreviver. [...] No entanto, uma espécie não é nada sem todas as relações que a ligam ecologicamente às outras. Uma espécie não evolui sozinha e sim segundo *uma tessitura de interações* que passam por todas as formas de competição, de ajuda mútua, de parasitismo, de mutualismo, de predação etc. (PICQ, 2016, p. 144, grifo meu).

Assim, nas últimas décadas vemos o crescimento de um importante movimento na comunidade científica no sentido de uma leitura sistêmica da vida e do cosmos (CAPRA & LUISI, 2014). Sabemos que este não é um movimento retilíneo e uniforme. As resistências são imensas e é quase avassalador o poder do capital, que orienta centros de pesquisa e de produção de informação. Mas tanto as ciências da vida quanto a física, a química, a cosmologia têm feito movimentos muito importantes na direção de uma leitura menos cartesiana e mais sistêmica. Em todo este movimento se encontram saberes de povos tradicionais. Daqueles que já estavam aqui antes do capitalismo e têm sido mais capazes de resistir. É impressionante que mesmo depois de 500 anos de invasão, colonização, escravidão, os povos indígenas no Brasil ainda resistam. Ainda possam nos inspirar e ensinar. Mas eles não estão sozinhos, há muitas comunidades humanas, em todos os continentes, que se mantiveram nesta harmonia. São confrontados todo o tempo pelo poder do capital e pela verdade da ciência. Estes povos nos inspiram e demonstram que vale a pena nos convertermos.

O chamado de Jesus em Mateus é a que nos admiremos, maravilhemos e que aprendamos com aqueles que consideramos “pequeninos”: os outros seres criados, que têm, como nós, em si mesmos, a presença viva do sopro divino.

5. O longo caminho de volta

Gostaria de propor, ao encerrar este artigo, um horizonte de esperança. O Papa Francisco tem insistido em que, com toda a urgência que as crises socioambientais nos impõem, “ainda há tempo! E o tempo é agora!” Acredito firmemente que podemos aprender. Que podemos trocar o rumo que temos dado ao nosso habitar na Terra. Que podemos nos converter. Embora este não seja um processo simples ou sem esforço.

Em Mt 6, Jesus conclui seu *ensinamento ecosófico* com dois elementos que podem nos servir de guia e parâmetro para a jornada de volta a casa, de volta à nossa casa comum: a comunidade da vida. O primeiro é que afirma, com serenidade suave, como a nos estimular: “Vosso Pai que está nos céus sabe que precisais de tudo isso” (Mt 6,32). Ou seja, não estaremos sozinhos neste percurso. Vamos em boa companhia, porque o Pai sabe do que precisamos: sabe de nossas necessidades materiais, do que comer, do que vestir, do alimento, da moradia. A opção que Jesus propõe, portanto, tem como base a confiança de que não estaremos sós e não estaremos desamparados. Esta é uma jornada difícil: há que converter a forma de vida, os desejos, o que transmitimos aos filhos e netos como “sonho de consumo”. Mas, sem dúvida, saber que não estaremos sós é o que pode nos dar o conforto místico indispensável para as grandes conversões. Assim, diante do clamor da Terra, do que são hoje as incontáveis catástrofes ditas naturais: secas, tempestades, enchentes etc., podemos nos colocar entre os que se dispõem a tentar entender uma linguagem nova para nós, uma nova forma de “falar”, uma nova “expressão inteligente” que busca se comunicar conosco: a voz da natureza! O clamor da Terra! A fala das chuvas, dos rios, dos mares! Nossa escolha de conversão nos fará, no início, humildes aprendizes, seres que começam a balbuciar, a escutar fracamente. Não desanimemos, pois “nosso Pai que está nos céus sabe” também dos nossos limites e de quanto necessitamos de apoio para a longa travessia.

Em seguida, nos diz Jesus: “buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua Justiça, e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo” (Mt 6,33). Ao fim e ao cabo, trata-se, essencialmente, de uma questão de justiça! A sobreacumulação de bens por uma parte pequena da humanidade (não esqueçamos os dados contemporâneos sobre a crescente concentração de riqueza em quase todos os países) ao privar a Terra das condições adequadas de regeneração; ao destruir outras espécies e ecossistemas e ao causar desigualdades sociais desumanizadoras, é absolutamente injusta.

Diante de realidades tão gritantes não devemos e não podemos mais nos apoiar em nosso descuido para com as consequências socioambientais de nossos “atos, palavras e omissões”. Estamos chamados ao bem-viver, ao viver em harmonia, em sintonia com o Deus da Vida. Não sabemos como fazê-lo, agora que nos afastamos tanto de nossa casa. Mas temos, ainda, boas oportunidades de

reencontrar nosso próprio rumo. As palavras de Jesus em Mt 6 são um chamado à felicidade, à abundância, ao pleno prazer de viver servindo ao Deus da Vida! A leitura orante da Bíblia, em chave *ecosófica*, nos inspira imensamente e nos ajuda a encontrar um lugar abençoado para o diálogo com todos e todas aquelas culturas, povos, grupos e pessoas que, como nós, sabem que temos pouco tempo diante da urgência das crises, mas que ainda há tempo!

Moema Miranda

Referências bibliográficas

- CAPRA, F. e LUISI, P. *A visão sistêmica da vida*. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/compulsao> – Acesso em 20/02/2017.
- FOX, M. *Pecados do Espírito, bênçãos da carne: lições para transformar o mal na alma e na sociedade*. São Paulo: Versus, 2004.
- MERCHANT, C. *The Death of Nature: Women, Ecology and the Scientific Revolution*. New York: Harper One, 1983.
- PANIKKAR, R. *Ecosofia: por una espiritualidad de la Tierra*. Madrid: San Pablo, 1993.
- PAPA FRANCISCO. Encontro com os Movimentos Sociais em Roma, 2016. Disponível em http://br.radiovaticana.va/news/2016/11/05/papa_fala_no_ii_encontro_dos_movimentos_populares/1270367 – Acesso em 23/02/2017.
- _____. *Laudato Si'*. Disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html – Consulta em 23/02/2017.
- PICQ, Pascal. *A diversidade em perigo: de Darwin a Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Valentia, 2016.
- STEFFEN, W.W. et al. The trajectory of the Anthropocene: The great acceleration. *The Anthropocene Review*, n. 2, p. 81-98, 2015. Disponível em <http://www.stockholmresilience.org/publications/artiklar/2016-04-18-the-trajectory-of-the-anthropocene-the-great-acceleration.html> – Acesso em 17/02/2017.
- WHITE, Lynn. *As raízes históricas da nossa crise ecológica*. Disponível em <http://paulouloucao.blogspot.com.br/2013/05/as-raizes-historicas-da-nossa-crise.html> – Consulta em 05/02/2017.